

Maria do Carmo Corrêa Galvão: em Homenagem

Maria do Carmo Corrêa Galvão: in Honor

Jorge Soares Marquesⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro;
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Difícilmente alguém não tem como lembrança as figuras de professores que ficaram gravadas em sua memória, principalmente pela importância de suas presenças e dos ensinamentos recebidos, que contribuíram para a sua formação pessoal ou profissional.

Os aprendizados assimilados se estendem desde os primeiros ambientes escolares até a Universidade, sendo que nela se acentuam a formação pessoal e, particularmente, a profissional de cada aluno.

Na Universidade, forma-se um ambiente de possíveis amplas relações entre os professores e os alunos, como pessoas adultas interessadas por interagirem. Essas relações tornam-se ainda mais fortes, diversificadas e diferenciadas quando são estabelecidas pela atuação de orientação de um professor, em direção a uma formação profissional de um aluno, mais definida numa temática específica. Consequentemente, a presença deste professor, por esse seu papel, tende a assumir um destaque merecidamente maior na lembrança do aluno. Entretanto, além desse significativo legado de convívio, obtido do orientador, é possível também armazenar na mente a admiração por outros professores. Isso decorre de diversas e diferentes assimilações de contribuições recebidas de professores, cuja competência e ensinamentos passados em aulas e no dia a dia de suas presenças, no meio universitário, assumiram destaques.

Sinto-me como um privilegiado por poder ter agregado recordações, ao longo do tempo, que me possibilitaram ter na minha consciência o reconhecimento da importância que muitos professores tiveram na minha vida. Com este texto, junto-me a muitos outros que não esquecerão de sempre prestarem homenagens à Profa. Maria do Carmo Corrêa Galvão, por tudo aquilo que ela representou, pela sua dedicação ao Departamento de Geografia (DG) e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pela sua atuação como Professora e Pesquisadora na Geografia Brasileira, assim como pelo proporcionado a todos os seus ex-alunos, que usufruíram de seu convívio, de seus ensinamentos e de sua amizade.

Não fui seu orientando, mas fui seu aluno na Graduação, no Mestrado, seu colega no DG e no PPGG, do Instituto de Geociências (IGEO) da (UFRJ).

Entreí na antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), em 1966, dois anos antes da Universidade do Brasil (UB), da qual ela fazia parte, transformar-se em UFRJ. Era um momento de transição. Se hoje muitos entram na Universidade ainda sem saber muito bem o que irão encontrar, talvez naquela época soubéssemos menos ainda. Tomei

ⁱ Professor Adjunto aposentado. jorgesm@uol.com.br.

conhecimento da existência de pessoas com nível de posição superior (Catedráticos), consequentemente tidos como os mais importantes nos Cursos pelo saber em suas áreas, e que muitos professores, incluindo eles, sofreram perseguições políticas (presos ou exilados). As ações feitas pelo Governo Militar, a partir de 1964, resultaram, entre outras, em reformas no Ensino implantadas em 1967 e 1968. Elas acabaram com a posição de Catedrático que foi substituída pela de Titular na carreira dos Docentes Universitários.

No DG, naquele momento, já não existiam Catedráticos e, aos poucos, fiquei sabendo quem foram eles e quem eram os professores que passaram a ser responsáveis pelas áreas em que eles atuavam.

As instalações da Geografia no prédio da Faculdade, antiga embaixada da Itália, confiscada pelo Governo Brasileiro ao entrar na Segunda Guerra Mundial, eram acanhadas e precárias.

Não demorei para conhecer a Profa. Maria do Carmo.

Na cobertura do prédio funcionava o Centro de Pesquisa em Geografia do Brasil (CPGB). Era uma área contendo uma biblioteca, uma mapoteca e um espaço destinado à Pesquisa, que logo chamou a minha atenção e onde eu a vi. Este Centro foi criado pelo Prof. Hilgard O'Relley Sternberg. Anos antes, com a ida desse Prof. para os Estados Unidos, a Profa. Maria do Carmo passou a ser a Coordenadora desse Centro, função que exerceu até em torno do início dos anos de 1980.

Ela foi sempre reconhecida, por todos, como uma excelente professora. Eu logo me encantei com suas aulas. Além da qualidade de sua didática, tinha um amplo domínio de conhecimentos das características e das relações existentes entre os aspectos humanos e físicos abordados na Geografia, tanto a Geral quanto a Regional e a do Brasil.

Embora eu logo tenha decidido tomar o caminho da Geografia Física, suas primeiras aulas acabaram despertando o meu interesse em melhor entender a forma de interação entre Homem e Natureza. Nunca mais esqueci o conteúdo do primeiro trabalho escrito que ela me fez conhecer em sua Disciplina, versando sobre um projeto que buscava a possibilidade de criar uma forma de compatibilizar o uso agrícola da terra com a preservação da floresta no Congo Belga.

A qualidade de suas aulas e sua competência profissional eram, para os alunos, motivos de admiração e respeito. Além de professora, ela se apresentava a nós como uma pessoa simples e acessível, sempre disposta a nos atender. Como alunos, tivemos oportunidades de muitas conversas informais, inclusive sobre coisas do passado relativas ao Departamento:

Os trabalhos de campo nos primeiros tempos do Departamento eram verdadeiras atividades exploratórias que podiam ter roteiros a serem cumpridos no lombo de cavalos ou de mulas. Além do uso dos transportes existentes, para chegarem a determinados lugares, não faltavam as longas jornadas a pé. Era sempre recontada a história de um, realizado pelo Prof. Francis Ruellan, em que os alunos andaram, durante um dia inteiro, percorrendo os caminhos que os levavam aos núcleos urbanos e às áreas agrícolas (na época existentes), dentro da grande área da Ilha do Governador, antes da construção da ponte, em 1950, ligando essa ilha ao continente.

Sempre foi possível constatar sua disposição em apoiar e colaborar para a formação de alunos, mesmo não sendo seus orientandos. Isto também ocorreu comigo e Elmo Amador. Tivemos seu apoio para realizarmos, em conjunto, o trabalho final de uma sua Disciplina de Geografia Agrária. Ela, além das sugestões quanto ao desenvolvimento do trabalho, conseguiu recursos para as nossas atividades de campo, que se estenderam por 10 dias, numa grande área de Reforma Agrária, na localidade que hoje é o município Papucaia (RJ). Muito aprendemos com a realização desse trabalho. Talvez antigos alunos do DG ainda guardem na lembrança o uso posterior dos mapas que foram elaborados nos trabalhos de campo nessa área.

Não cursei sua Disciplina no Mestrado (assisti palestras), mas tive a surpresa e a grande satisfação de saber que ela havia aceito o convite do meu orientador, Prof. Jorge Xavier da Silva, para fazer parte de minha banca. Entre suas colocações finais quanto ao trabalho, cujo objetivo era fazer comparações quantitativas entre características geomorfológicas de duas baixadas costeiras, deu sugestões quanto ao prosseguimento de minhas pesquisas. Disse que eu deveria atentar para a importância que os estudos alcançariam ao produzirem conhecimentos de processos físicos atuantes, nas áreas estudadas, em suas relações com a ocupação humana, que rapidamente ali estava em grande expansão. Minha tese de Doutorado lhe deu ouvidos, pois levou em conta e destacou os efeitos das relações entre as características das ações dos processos físicos e humanos atuantes na Baixada de Jacarepaguá.

Além de ser uma excelente professora, foi autora de trabalhos que demonstraram a sua grande competência como pesquisadora.

Para reativar lembranças, ou para os que não a conheceram, recomendo a leitura do livro *Percursos Geográficos: Maria do Carmo Corrêa Galvão*, editado por Gisela Aquino Pires do Rio e Maria Célia Nunes Coelho, em 2009. Além de poder conhecer e aquilatar o valor dos trabalhos dela, encontrarão um amplo relato, colocado pelas editoras, apresentando e reverenciando as suas qualidades pessoais e profissionais.

Como seu colega de Departamento, não posso deixar também de relatar motivos, que julgo importantes, para registrar o quanto foram relevantes as suas atividades, em prol de propiciar e ampliar meios, para aprimorar a capacitação daqueles dedicados ao Ensino e à Pesquisa na Geografia.

Depois de 1968, com a Reforma Universitária, a qualificação dos Docentes passou a exigir continuidade nos estudos, com o Mestrado e depois o Doutorado. Em função disto, veio a necessidade de abertura de Cursos, no Brasil, para a obtenção desses títulos.

Nem todos os Departamentos, dentro de suas Universidades, possuíam condições de infraestrutura e qualificação de Quadro Docente capazes de permitirem a implantação de Cursos de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*. Na Geografia apenas a Universidade de São Paulo (USP) teve condições de logo assumir uma Pós-Graduação. Nas Universidades Federais, possivelmente, só a Geografia da UFRJ, reunia, na ocasião, potenciais condições para tal iniciativa, por algumas circunstâncias. Entre outras: o Rio de Janeiro, mesmo não sendo mais capital, continuava sendo considerado um grande centro de desenvolvimento da Geografia Brasileira; os compromissos advindos da importância da atuação da UFRJ no cenário nacional e as possibilidades decorrentes do reconhecimento da capacitação do Corpo Docente do Departamento de Geografia para tal empreitada.

Mesmo a UFRJ podendo ser uma possível candidata para solicitar à Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) o credenciamento para a criação de uma Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia, dependia da iniciativa do Departamento, que passava por um período de problemas a serem enfrentados e superados: a ainda recente vida autônoma do Curso de Geografia (saindo do Curso de História) e a construção de seu valor dentro da Universidade; sua saída da FNFi para o Instituto de Geociências, em 1968, localizado numa instalação provisória no antigo prédio da Escola de Engenharia no Largo de São Francisco; a grande ampliação do número de vagas oferecidas para a Graduação; o aumento do número de Disciplinas no Currículo; a necessidade de contar com novos professores e ao mesmo tempo qualificá-los; sua mudança para os prédios da Ilha do Fundão, a partir de 1971, com instalações físicas mais amplas, porém levando apenas os poucos equipamentos que tinha e o seu pequeno e velho mobiliário.

O novo local era desprovido de muitos recursos de infraestrutura, como: precariedade de transportes de acesso ao Fundão e de circulação interna nessa ilha; da falta de meios de comunicação necessários na época (telefones e correio); da falta dos serviços diversos como bancos, farmácias, papelarias e locais para alimentação. Isto sem falar das áreas de entorno dos prédios, não urbanizadas e desprovidas de árvores, e do calor interno, muito ampliado pela presença de paredes externas de concreto com grandes janelas envidraçadas, sem proteção para a entrada dos raios solares e sem possibilidade de ampla abertura. Os prédios estavam dotados de um sistema de dutos para levar o ar refrigerado a todas as dependências do Instituto, que seria gerado por grandes e caros equipamentos, que nunca puderam ser comprados. Obter mesas, cadeiras, armários e estantes velhas em depósitos de descartes existente na Universidade, passíveis de reaproveitamento, foi uma solução durante muitos anos.

Algumas coisas eram importantes e positivas. A Prof. Maria do Carmo, graduada em 1953, era a única no Departamento possuidora do título de Doutor, obtido na Alemanha na Universidade de Bonn, em 1962. Além dela, existiam outros professores de reconhecida capacitação que, mesmo sem ainda ter o título de Doutor, a eles poderiam ser equiparados. Havia um precioso acervo de livros oriundos da biblioteca do CPG e de mapas. Já existiam amplas relações acadêmicas com os outros Departamentos de Geografia e com Instituições de Pesquisa, sediadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, destacando-se a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Eram muitos desafios a enfrentar. O Departamento também não contava com funcionários capacitados para assumirem o necessário suporte de uma Secretaria de Pós-Graduação, cujas funções exigiam tarefas além de simples rotinas burocráticas. Essa situação existiu na etapa de construção do Curso e durante os primeiros anos, no fomento e desenvolvimento das atividades do Programa. Até os contatos mais importantes, com pessoas de outros estados e do exterior, acabavam, quase sempre, sendo realizados também pelos professores, isso nos telefones de suas casas.

Não há como deixar de lembrar que a partir da Reforma, todos os professores começaram a ter de explicitar, em relatórios, seus tempos dedicados às atividades que desenvolviam, como a pesquisa, para a qual passaram, com seus projetos, a ter de pleitear

recursos. Pelo valor do apoio recebido, havia a valorização da temática de sua atuação e, conseqüentemente, de seu desempenho profissional. As horas gastas na chefia representavam diminuição do tempo de desempenho de outras atividades acadêmicas. Ou seja, ter de dividir seu tempo de atividades individuais, principalmente os envolvidos com as tarefas de suas pesquisas, para o empregar e agir em prol de cumprir compromissos com realizações em benefício da coletividade.

Na minha consideração, acredito, como muitos outros colegas, que nessa época a Prof. Maria do Carmo foi muito além do que podia ser esperado. A questão não era apenas costurar, fazer e encaminhar um projeto de Pós-Graduação e depois sentar ocupando o cargo de Coordenadora. Suas atividades de Ensino e Pesquisa não deixaram de acontecer com qualidade, porém assumiu um grande trabalho na sua Coordenação, incorporando – mesmo sofrendo das dificuldades que enfrentou – o compromisso de realizar o quê de melhor ela poderia contribuir para atingir o mais significativo resultado possível. Isto lastreou uma base sólida para que o Programa pudesse alcançar um desenvolvimento reconhecidamente maior, ao longo do tempo, endossado pelas avaliações atribuídas pela CAPES, sempre no mais elevado nível.

Assumindo sua liderança, conduziu esforços externos e iniciativas de diversas naturezas, com o seu prestígio e suas estratégias, na busca de meios de apoio para desenvolver o Programa. Internamente, propiciou a atenção e atendimento às demandas e às ações dos professores que com ela criaram o Programa. Eles, por suas vezes, com suas consagradas trajetórias profissionais, contribuíram, junto à ela, para ampliar os horizontes dos sucessos que foram sendo alcançados: Bertha Koiffmann Becker, Jorge Xavier da Silva, Lysia Maria Cavalcante Bernardes e Maria Theresinha de Segadas Soares

Quando passei a fazer parte do Conselho da Pós-graduação, pude constatar que os assuntos levados e resolvidos a partir das reuniões refletiam a sua capacitação e o respeito e admiração que todos nutriam pela sua liderança e competência na Coordenação do Curso. Sempre expondo todas as questões relativas ao funcionamento do Programa a serem resolvidas e sempre abrindo a palavra às discussões pertinentes, às opiniões, críticas e sugestões de seus pares.

Produzi duas publicações impressas, durante a sua administração, pelo Programa, aos três e aos dez anos da implantação do Programa. Nelas prestava contas das atividades desenvolvidas nos citados períodos. São documentos que comprovam os motivos das boas avaliações do Curso e que geravam aprovação para continuar recebendo apoio, inclusive em iniciativas que ocorreram de novas realizações.

A primeira publicação continha a relação de um grande número de trabalhos Discentes, realizados até o final de 1973, em todas as Disciplinas ministradas para as duas primeiras turmas de Mestrado. Constava além dos títulos dos trabalhos, o nome dos alunos autores e dos respectivos professores.

A segunda, comemorativa, “Os 10 anos do PPGG”, trazia um pequeno histórico do programa com os agradecimentos da Coordenação aos professores participantes, às instituições de apoio, a relação dos Professores do Quadro Permanente, a relação do grande número de Professores Visitantes (nacionais e estrangeiros) e a relação das Dissertações defendidas, com os nomes dos respectivos alunos e orientadores. Qualquer um, ao ler essa publicação, poderá constatar a dimensão da importância do trabalho da Profa. Ma-

ria do Carmo, que ofereceu sua grande dedicação inicialmente na criação do Curso e durante todo o período de sua competente Coordenação, para o sucesso do PPGG.

Posteriormente, mesmo fora da Coordenação, continuou a prestar sua valorosa colaboração ao desenvolvimento do Programa, principalmente como Docente, com suas aulas e orientações, e pela sua presença no Conselho do Programa.

Gostaria de lembrar o quão difícil era no passado fazer, guardar e difundir registros de acontecimentos e de pessoas. Disto decorre que muito de importantes ações e acontecimentos acabam hoje sendo relatados apenas oralmente, por quem esteve presente e testemunhou. Ao passar do tempo essas testemunhas devem desaparecer e com elas as Histórias e os seus participantes. Existem poucos trabalhos resgatando as Histórias dos Departamentos de Geografia das Universidades Brasileiras e das pessoas que neles estiveram e estão. Acredito que iniciativas nessa direção podem ser pensadas, para que possamos homenagear mais ainda as Instituições e as pessoas como a Profa. Maria do Carmo. Ela, além de ter o reconhecimento do valor do seu desempenho e de seu legado, como Professora Universitária de Geografia e Geógrafa, acumulou também nossa admiração, pelo seu abnegado e competente envolvimento na construção da História da Geografia na UFRJ e pelo valor do convívio que tivemos com sua pessoa.

Recebido em: 29/05/2023, Aceito em: 29/05/2023,